



Multiplicando a Micro: rastreando questões de interesse

Lucas Riboli Besen^[1]

Helena Moura Fietz^[2]

FLEISCHER, Soraya; LIMA, Flávia (Orgs.). **Micro**: contribuições da Antropologia. 1ª edição. Brasília: Athalaia, 2020. 188 p.

O debate sobre a escrita etnográfica rendeu bons frutos no decorrer dos últimos anos. Desde a marcante resposta de Lila Abu-Lughod ao *Manifesto for Ethnography* (2000), temos debatido sobre a capacidade da Antropologia localizar tanto os/as interlocutores/as quanto os/as etnógrafos/as na escrita sobre o Outro. A discussão está longe de acabar, como demonstrou Claudia Fonseca (2017). Ao estabelecer um diálogo direto com Akhil Gupta e James Ferguson, a antropóloga se questionou sobre como cumprir a promessa dos autores de “esboçar linhas possíveis de aliança” (2017, p. 455-6). Para Fonseca, é a perspectiva lançada por Latour de “viver num mundo comum” (FONSECA, 2017, p. 461) aliada à uma “ética do cuidado” (BELLACASA, 2011) que nos permite destacar esse caráter inescapavelmente político da produção acadêmica. É no campo etnográfico, no encontro com o Outro, que a Antropologia se faz viva, desafiada a (re)negociar coletivamente compromissos políticos e éticos. Para Fonseca, essa etnografia é responsiva e provocadora. É justamente este o caso de *Micro: contribuições da Antropologia*, organizado por Soraya Fleischer e Flávia Lima. Através de escrita coletiva e feminina, o livro toma para si a tarefa de pensar política e eticamente o papel das pesquisas desenvolvidas e do livro, que agora materializa uma trama etnográfica de humanos e não-humanos. Afetadas pela epidemia que surgia em 2015, foi através de cartas que essa rede começou a ser criada e mantida, por meio de contatos presenciais e à distância.

Neste sentido, podemos dizer que as autoras dos onze textos que compõem esta obra engajam-se com a proposta de Maria Puig de la Bella Casa (2011; 2017) para que pensemos com (o) cuidado. Não apenas por estarem falando destas práticas contingenciais, situacionais, morais e tão comumente invisibilizadas que são as práticas de cuidado, mas por destacarem ao longo do livro as tantas associações necessárias para que estas se deem. Associações tão comumente invisibilizadas não apenas no cotidiano de suas interlocutoras que veem um Estado e uma população que cada vez se importa menos com suas questões, mas mesmo por outros pesquisadores e cientistas com os quais tanto conviveram. O cuidado, como nos lembra Puig de la Bella Casa (2017, p. 6), é uma



“intervenção ética e política envolvente que afeta a todos aqueles que estão pesquisando o cuidado. Por que falar do ‘bom cuidado’ – ou de um cuidado tão bom quanto o possível – nunca é neutro”. A leitura de *Micro* nos chama a também adentrar os aspectos éticos e políticos de sua pesquisa.

A escolha do nome do livro diz muito sobre essa incursão. Se, desde 2015, o nascimento de crianças com cabeças pequenas ganhou diferentes nomes – como “Vírus Zika” (VZ) ou “Síndrome Congênita do Vírus Zika” (SCVZ) –, na prática, era a palavra “micro” que possibilita trazer as diversas questões, experiências e contextos dessa epidemia de um modo fácil e rápido. “Micro foi sendo usado para tudo,” como Fleischer nos descreve (p. 19). Ou seja, “micro” habita em si esses universos que as experiências com crianças de cabeças pequenas aproximaram. Mas “micro” ainda tem relações outras com a própria Antropologia.

Como explicitado por Fleischer, é na aposta do micro que a etnografia se produz. Ao acompanhar essas mulheres nas vidas cotidianas, nos deslocamentos, nas tentativas de conseguir políticas públicas, nas consultas médicas, nas escolas, nas reuniões, nas salas, enfim, nos diversos espaços que colocam a micro “em ação”, essas pesquisadoras puderam entender melhor como ela é vivida, experienciada, sentida e multiplicada. Foi a partir do micro que os efeitos de um golpe de Estado e o desaparecimento da cobertura midiática puderam ser sentidos, os deslocamentos puderam ser dificultados, os remédios puderam ser contestados, e que nós, leitoras/es, conseguimos nos aproximar e nos afetar com essas experiências outras. A partir da micro, chegamos ao macro, em pequenas pinceladas de questões maiores e seus impactos em vidas reais.

Fleischer e Lima optaram por dividir o livro em onze grandes categorias – Mulheres, Homens, Crianças, Doutores, Medicamentos, Escolas, Transportes, Dinheiros, Benefícios, Mídias e Ciências – escritas no plural, enfocando para a diversidade inerente a cada uma delas. Cada qual é narrada por uma pesquisadora e traz em si as questões de interesse que perpassam esses diferentes marcadores que a micro habita e nos quais ela é colocada em ação.

Na tessitura da obra, cada uma das autoras – Raquel Lustosa C. Alves (*Mulheres*), Gabriela Rosa Dias de Freitas (*Homens*), Thais Valim (*Crianças*), Soraya Fleischer (*Doutores*), Ana Claudia K. de Camargo (*Medicamentos*), Júlia Vilela Garcia (*Escolas*), Ana Letícia Souza (*Transportes*), Catarina de Souza Costa (*Dinheiros*), Barbara M. Marques (*Benefícios*), Flávia Lima (*Transportes, Mídias*) e Aíssa Simas (*Ciências*) – imprimiu seu estilo e análise nos capítulos que escreveram, o que demonstra um cuidadoso trabalho de criar coletivamente observando as individualidades de cada pesquisadora. O que se torna mais



interessante ao pensarmos que nesta gama de escritoras há alunas de graduação, mestrandas, doutorandas e professoras doutoras.

Essas categorias nos falam também da pesquisa a muitas mãos que compõem o livro. Pelas diferentes dificuldades que envolvem um deslocamento de Brasília à Grande Recife, a pesquisa precisou estabelecer outros parâmetros metodológicos para poder estudar a micro. Um deles foi a circulação dos diários de campos entre as pesquisadoras. Aqui, novamente as (re)negociações voltam à tona. É nesse compartilhamento desses diários que a micro pode ser multiplicada, abordada de forma hábil e cuidadosa por diferentes pesquisadoras. Foi a partir dessas trocas que surgiram as 38 “microhistórias”, que, além de serem a primeira forma de negociar essa pesquisa com um público maior, serviram de esboços públicos para os capítulos que formam o livro. (Re)negociações que passaram por pseudônimos, borramentos, e etnoficções, tornando possível que a micro fosse descrita em sua devida complexidade.

Ao lermos a multiplicidade de micros, conseguimos melhor entender os efeitos dessas escolhas – metodológicas, teóricas, éticas, políticas, editoriais – que compõem o livro. Ao final, a micro não se faz uma, muito menos plural: ela se faz múltipla. Múltipla porque não é a soma dessas suas diferentes experiências, nem versões plurais de vivências de uma mesma epidemia. É múltipla porque é colocada em ação em diferentes espaços e circunstâncias, respondendo a questões de interesse específicas a esses sítios. As questões trazidas pelo transporte não são as mesmas que aquelas da escola, dos remédios, dos médicos, dos machismos, dos sustentos, das políticas. Mas elas interferem umas nas outras, abrindo a micro para (re)negociações constantes.

Logo, longe de tentar produzir uma estabilização da proposta do livro, queremos expandir suas reflexões. Nesse sentido, nos inspiramos em Annemarie Mol (2008) ao pensar na multiplicidade da micro, buscamos inventariar as questões de interesse que perpassam os múltiplos sítios no qual a micro é performada. Isso significa dizer que priorizamos a complexidade (MOL; LAW, 2002), ou seja, um inventário não tem um final, sempre pode ser adicionado um item. Por não ser exaustivo, ele inventaria a complexidade sem resumi-la ao nível do reducionismo – proposta que iria contra o próprio livro. Pelo contrário, ao inventariar as questões de interesse, lançamos ao macro os efeitos que essas narrativas trouxeram para nós, ampliando as formas como a micro é colocada em ação.

Um inventário não exaustivo e complexo das questões de interesse da Micro:

- Como a consciência de ser um sujeito político é vivenciada? Como essa consciência e empoderamento se alinham quando não perpassados por um despertar feminista –



tão frequente nos artigos sobre o tema? Como Alves nos mostra no capítulo *Mulheres* (p. 39-50), Dara é quem ensina Inês a ter voz na sua busca de promover um melhor cuidado para sua filha. Cuidado esse que se faz empoderamento ao ter “autonomia em sair de casa, em fazer parte de um coletivo de mulheres e em não deixar de falar mais alto quando sentisse necessidade” (p. 46).

- Como rastrear o empoderamento das “mães de micro”? Como transformar esses aprendizados em experiência antropológica? Fleischer nos lembra que “segurar”, “caminhar” e “falar” são importantes etapas da experiência das mães de micro. É “segurando” que ela conhece a si e a sua filha; é “caminhando” que ela traça seus percursos no trajeto terapêutico; e é “falando” que ela produz uma nova imagem de si mesma, deslocando-se da sua antiga eu.
- Quem protagoniza o cuidado? Sobre quem recai a responsabilidade pela falta dele? No capítulo *Homens* (p. 51-64), Freitas demonstra como muitas mães de micro foram acusadas de terem sido descuidadas com mosquitos, ou, ainda, terem contraído o VZ por serem infiéis. O gênero se faz em abandonos, na transmissão de um cuidado sempre feminino, numa paternidade ausente – uma vez que a “honra de homem” foi manchada. É nesse diálogo que o peso do cuidado sempre é feminino: seja as responsáveis e dedicadas, seja as insensíveis, incapazes e negligentes.
- Quais são as formas de se estar no mundo? Como a deficiência entra nessa equação? Como Valim nos aponta no capítulo *Crianças* (p. 65-76), as mães de micro precisaram demonstrar que as particularidades da micro não tornam um corpo incapaz de ser atendido pela pediatria: seus filhos não deixam de ser crianças. A micro multiplica a infância, as “formas e os ritmos de aprendizado, de brincadeiras, de avanços” (p. 69).
- Como se navega pelo mundo da biomedicina? Como adentrar a esse mundo de doutores doutos? No capítulo *Doutores* (p.77-88), Fleischer nos aponta que as mães de micro, além de inventariarem os estilos de atendimento, produziram uma exitosa alfabetização biomédica, baseada numa suspeita constante do compromisso com a criança de micro. Essas mulheres aprenderam “a distinguir uma consulta de um projeto científico, um atendimento de uma coleta de material” (p. 84).
- Numa gama de remédios, bulas e prescrições, como produzir um corpo sadio? Como a micro é colocada em ação nesse universo dos medicamentos? Camargo nos fornece pistas de como, para as mães, os medicamentos também entravam na suspeição com os profissionais da saúde. Como descreve no capítulo *Medicamentos* (p. 89-100), as doses e os arranjos dos medicamentos podem se transformar em



tecnologias paliativas – um tratamento que poderia se modificar no futuro –, no qual o conhecimento das reações da criança com micro entra em ação.

- Que escolas aceitam uma criança com micro? Com quantas barreiras se desfaz a acessibilidade? Garcia nos relata as dificuldades de acesso a escolas quando falamos de crianças cuja expectativa de vida não alcançava esses espaços em seu capítulo *Escolas* (p. 101-112). Poder acessar um espaço de construção de subjetividade e cidadania é ter que transformar um espaço que opera exclusões.
- Como se move um corpo pelo meio urbano? Como transitar corpos que precisam de cuidados especiais em ruas "descuidadas"? No capítulo *Transportes* (p. 113-125), Souza e Lima traduzem os impactos do mal planejamento dos transportes em dificuldades ou impossibilidade de acesso a serviços básicos, como saúde, educação e lazer. Nessa via de mão dupla, não estar presente significa correr o risco de ser cortado de um serviço, além de ser taxada como descuidada.
- Como se sustenta uma família? Como ser produtivo quando o tempo é escasso? Costa, no capítulo *Dinheiros* (p. 126-135), nos alude à criatividade das mães de micro em estabelecer novos arranjos para pagar as contas e ainda cuidar das filhas, sua capacidade de negociar remédios com médicos – “seja realista” –, sua perspicácia em encontrar direitos e apoios para sua criança. Aqui, cuidado se traduz também “em manutenção da casa, da família e de sua rede de apoio” (p. 135).
- Como se constrói uma “calamidade pública”? Como Marques descreve no capítulo *Benefícios* (p. 136-149), a SCVZ se transformou em benefícios a nível federal, estadual e municipal. Contudo, essas políticas de seguridade social são traduzidas como “cala-bocas” pelas mães de micro, que as entendem como um desvio dos seus problemas cotidianos, como a falta de saneamento básico e da presença do Estado em suas vidas antes da epidemia.
- Como se noticia uma epidemia? Quais vidas merecem ser reportadas e até quando? No capítulo *Mídias* (p. 150-163), Lima descreve as redes envoltas na cobertura da pandemia do VZ, da entrada nas casas, dos envelopes com dinheiro deixado sobre os móveis, do mar de repórteres até só se sobraem antropólogas. “Porque vocês dizem que vão voltar e vocês voltam”.
- Como se produz uma epidemia? Como um vírus vira uma síndrome? Como a ciência se faz no tempo do acontecimento? Simas nos lembra no capítulo final que as *Ciências* (p. 164-178) se fazem em expansão: em novos ambulatorios, em financiamentos de pesquisas, em interesses científicos, em um misto de público e privado, em promessas de futuro. Mas a ciência também se faz em lacunas e faltas:



de amostras de sangue que desaparecem, de exames de imagem que nunca são devolvidos, “ou a comprovação da relação entre a microcefalia da criança e a infecção pelo VZ que nunca se materializou em um laudo médico” (p. 176).

Após esse inventário não exaustivo e complexo das questões de interesse da micro, é importante salientar algumas questões finais sobre o livro. A primeira é sobre a importância da localização do saber (HARAWAY, 1995) e os seus efeitos para uma Antropologia pós-COVID-19. A preciosidade em como os caminhos metodológicos são narrados e trazidos para dentro do livro nos permite entender as redes sociotécnicas que foram traçadas, formadas e seguidas, de modo que podemos propor uma discussão específica sobre esse assunto. Mas, ainda, esse tracejar das suas decisões ético-políticas no decorrer da etnografia nos permite esperar uma pesquisa coletiva, principalmente em tempos pós-COVID-19. Explicamos: as práticas coletivas descritas no livro nos auxiliam a imaginar e pensar desenhos e recortes de pesquisas em tempos nos quais o distanciamento e o deslocamento são barreiras sociais. Logo, *Micro* nos ensina a (re)negociar e expandir os nossos entendimentos sobre etnografia.

É justamente esse nosso segundo ponto. Quando elenca os usos (re)negociáveis do livro, Fleischer não menciona aquele que seria, ao nosso ver, um dos principais: ensinar a etnografar. Longe de ser um manual, o livro ensina a renunciar às respostas simples ou soluções rápidas para as diferentes questões ético-políticas enfrentadas no decorrer de sua produção – desde a entrada em campo até suas escolhas editoriais finais. Desta forma, em sua capacidade de compor uma etnografia responsiva e provocadora, *Micro* coloca em ação seu potencial de ensinar a etnografar – a produzir em neófitos o apego pela Antropologia e as suas contribuições nos diferentes campos e contextos pelos quais circula. Além disso, o livro é uma leitura necessária para todos/as aqueles/as que dialogam com a antropologia do cuidado, a antropologia médica, estudos sociais da ciência e da tecnologia, e o campo dos estudos sobre a deficiência.

Por fim, é impossível não terminar essa resenha sem falar de uma das categorias principais do livro: o tempo. Mesmo sem ter um momento específico, ele aparece como uma categoria de interesse transversal aos capítulos apresentados. O tempo de duração de uma epidemia no que tange ao interesse midiático e científico sobre essas vidas em contrapartida ao tempo da vida vivida que ultrapassa estes interesses e segue adiante mesmo quando os outros deixam de preocupar-se com essa questão. O tempo que necessita ser feito para que estas mulheres possam cuidar de seus filhos. O tempo das burocracias na busca por benefícios e acesso a direitos, do transporte público, das consultas médicas, das terapias.



Até o tempo da pesquisa e das pesquisadoras e seus próprios deslocamentos e encontros com essas mulheres e seus filhos em uma pesquisa longitudinal que atravessa diferentes momentos da vida destas famílias em sua experiência com a deficiência. Em tempos de epidemias, *Micro* nos faz esperar, renovando as potencialidades da Antropologia.

Referências

ABU-LUGHOD, Lila. Locating Ethnography. **Ethnography**, 1(2), p. 261-267, 2000.

BELLACASA, Maria Puig. Matters of care in technoscience: Assembling neglected things. **Social studies of Science**, v. 41, n. 1, p. 85-106, 2011.

PUIG DE LA BELLA CASA, Maria. **Matters of Care: Speculative Ethics in More than Human Worlds**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017.

FONSECA, Claudia. “Lá” onde, cara pálida? Pensando as glórias e os limites do “campo” etnográfico. In: BRITES, Jurema; MOTTA, Flávia de Mattos (org.). **Etnografia, o espírito da antropologia: tecendo linhagens homenagem a Claudia Fonseca**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2017. p. 438-466.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 07–41, 1995.

MOL, Annemarie. Política ontológica: algumas ideias e várias perguntas. In: NUNES, João Arriscado; ROQUE, Ricardo (org.). **Objectos impuros: Experiências em estudos sociais da ciência**. Porto: Edições Afrontamento, 2008. p. 63–77.

MOL, Annemarie; LAW, John. **Complexities: social studies of knowledge practices**. Durham: Duke University Press, 2002.

^[1] Doutor em Antropologia Social. Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFRGS). E-mail: misterbesen@gmail.com

^[2] Mestra em Antropologia Social. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFRGS). E-mail: helenafietz@gmail.com